

Ordem Econômica pode cair no 'buraco negro'

Lula Marques

Da Sucursal de Brasília



O título "Da Ordem Econômica e Financeira" entra em votação amanhã sem um acordo entre o Centrão e a liderança do PMDB e com o risco de cair num "buraco negro". As seguidas reuniões entre os dois grupos não resultaram em nenhuma solução consensual para os pontos polêmicos, como empresa nacional e exploração de recursos minerais. "Um acordo só na hora 'H'. Ninguém pode bater o martelo sobre nada", disse o senador Mário Covas (SP), líder do PMDB no Congresso constituinte.

O risco do "buraco negro" (quando nenhuma das matérias sobre um assunto consegue 280 votos para ser aprovada) existe porque Covas não deu garantia de que seu grupo vote no projeto substitutivo do Centrão para todo o título. Nos títulos anteriores, os dois grupos se uniram para aprovar o substitutivo e, depois, puseram em votação pontos discordantes. "Ainda não obtivemos o apoio do Covas", afirmou o deputado Luis Roberto Ponte (PMDB-RS), do Centrão.

Sem o apoio de Covas, os coordenadores do Centrão terão de garantir o voto de 280 constituintes. Se esta tentativa fracassar, o plenário vota, em seguida, o projeto aprovado pela Comissão de Sistematização, que agrada a liderança do PMDB. Se este texto também não reunir 280 votos, ocorre o "buraco negro". Um projeto alternativo terá de ser negociado.

Esta possibilidade cresceu a partir das reuniões de sexta-feira e sábado, quando representantes dos dois grupos tentaram elaborar alternativas para o primeiro capítulo do título — "Dos Princípios Gerais, da Intervenção do Estado, do Regime de Propriedade do Subsolo e da Atividade Econômica".

Polêmicas

Os pontos polêmicos continuam insolúveis. A negociação do conceito de empresa nacional transita pela possibilidade de remeter para a legislação ordinária a definição do que é o "controle efetivo" da empresa. Apesar da boa vontade dos negociadores em encontrar um acordo a partir desta fórmula, eles não se dizem credenciados para fechar um texto. "Há resistências no Centrão", disse Ponte.

Depois de uma reunião entre Covas, o senador Severo Gomes (PMDB-SP), Antonio Brito (PMDB-RS), Artur da Távola (PMDB-RJ) e os representantes do Centrão, Ponte e o deputado José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG), Severo não tinha confiança num acordo para o segundo ponto polêmico: a exploração dos recursos minerais, que a liderança do PMDB quer nacionalizar, enquanto o Centrão defende a atuação de empresas estrangeiras.

A distribuição dos derivados de petróleo ainda pode ter uma solução, segundo Covas. "Há boa vontade", disse, o Centrão quer excluir o monopólio de distribuição para empresas nacionais fixado pela Sistematização.



O senador Mário Covas (SP) e líderes do Centrão e do PMDB se reúnem no gabinete do líder peemedebista na Constituinte para mais uma tentativa de acordo

Covistas podem ficar no governo Quéricia

Da Reportagem Local

Nem o governador de São Paulo, Orestes Quéricia, acredita mais na permanência do senador Mário Covas no PMDB. O senador, campeão nacional de votos nas eleições de 86, faz questão de ser mais reticente quando se trata de seu próprio destino partidário. "Vocês vão ficar sabendo só no dia seguinte" ou "vocês nunca me viram falar em sair do partido" são as duas frases prontas que Covas gosta de repetir aos jornalistas.

Reticente também fica o governador paulista ao ser perguntado o que vai acontecer com o seu secretariado se confirmada o êxodo da ala centro-esquerda do PMDB paulista. Se em nível federal Covas recebeu o tratamento diretamente proporcional à carga de críticas por ele disparadas contra o governo, em São Paulo o senador recebeu de Quéricia o tratamento de quase sete milhões de votos deve receber.

Quando Quéricia tomou posse há pouco mais de um ano, dois íntimos colaboradores do senador Mário Covas assumiram cargos de secre-

lários estaduais: Getúlio Hanashiro, na ocasião recém-eleito deputado estadual, na poderosa Secretaria dos Negócios Metropolitanos, e Antonio Arnaldo de Queiróz, como secretário do Abastecimento, pasta recente que ainda não conta com grande suporte e infra-estrutura. Mesmo assim, é a secretaria que cuida do Ceagesp, entreposto por onde passa a alimentação do paulista, e dos varejões, nome de grandes feiras montadas principalmente na periferia da cidade e que oferece produtos sempre a preços mais baixos.

Hanashiro e Queiróz foram secretários municipais a época da gestão Mário Covas na Prefeitura paulista, respectivamente, dos Transportes e de Vias Públicas. Além destas duas secretarias, o covismo foi aquinhado com a Paulistur, empresa que deverá mostrar algum serviço este ano com a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Seu presidente, o ex-deputado Nelson Fabiano, também foi secretário municipal — dos Negócios Extraordinários — quando Covas dirigiu a Prefeitura.

De todas estas estruturas, a Secretaria dos Negócios Metropolitanos sem dúvida é a mais importante. Ao lado da Secretaria de Obras e dos Transportes, trata-se de um dos maiores orçamentos estaduais. Movimentará mais de Cz\$ 13 bilhões, sem as suplementações inevitáveis durante o ano, numa densa zona eleitoral. O dinheiro vem sendo usado em obras consideradas "prioridade zero" pelo governador Orestes Quéricia: a conclusão da linha leste-oeste do Metrô, a expansão para a zona norte e a construção do ramal Paulista, cujo início das obras no ano passado foi marcado pelo estardalhaço e barulho próprios das grandes festas de auto-promoção. Além do metrô, a secretaria investe firme na rede de tróleibus e no anel viário metropolitano.

O governador Orestes Quéricia afirmou na última sexta-feira que considera praticamente certa a saída de Mário Covas do partido. Ao contrário da posição otimista mantida em relação aos problemas internos do PMDB, Quéricia procura diante deste fato quase consumado reorganizar seus planos. "Vamos

fazer o quê?", pergunta o governador. O que não se sabe ao certo é se esta possível nova configuração partidária vai implicar, primeiro, na mudança de todos os covistas de partido e, segundo, se isto implicará mudanças no secretariado. Perguntado a respeito, Quéricia coça o queixo e diz apenas "não sei".

O secretário-geral do PMDB de São Paulo, José Maria Monteiro, ligado ao senador, afirma que não acredita na saída dos covistas do governo, mesmo se concretizada a mudança de Covas para uma nova legenda. "Se isso vier a acontecer, não implica uma ruptura com o governo", diz Monteiro. Esta também é a expectativa de assessores do governador.

Segundo apurou a Folha, com as eleições para as prefeituras praticamente definidas para novembro, é provável que até lá não aconteça a debandada da ala centro-esquerda do PMDB, acompanhando o gesto dos chamados notáveis do partido em São Paulo (Covas, Fernando Henrique Cardoso e o ex-governador Franco Montoro), cada vez mais próximos de uma nova sigla.

(Marcelo Parada)

Festa de Sarney alcança quórum de 140

Da Sucursal de Brasília

Na manhã de sexta-feira, a sessão do Congresso constituinte teve que ser suspensa por falta de quórum. Mas, à noite, pelo menos 140 parlamentares, a maioria do Centrão e do PFL, insistiram em ficar em Brasília para não perder a grande "festa-desagravo" que o deputado Ezio Ferreira (PFL-AM) preparou em homenagem ao presidente José Sarney, numa mansão no Lago Sul.

Não houve tartarugas no cardápio, mas tambaqui e pirarucu. A história das tartarugas, cuja caça e comercialização são proibidas pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), "foi apenas uma brincadeira de alguns colegas" —apressou-se em dizer Ezio, assustado com o risco de causar algum constrangimento a Sarney. Ao longo da semana, porém, os deputados falavam abertamente numa grande "tartarugada", a começar por Ezio.

Sarney chegou sozinho e saiu às 23h30, aproximadamente. O líder do PDS na Câmara, deputado Amaral Neto (RJ), a certa altura chegou para Ezio e provocou: "E as tartarugas?" O anfitrião desconversou com bom-humor: "Ficará para uma outra oportunidade." Ou seja, para quando não estiver na festa a mais alta autoridade da República.

Ulysses O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães estará hoje às 11h no Diretório Regional do PMDB, acompanhando a realização das prévias do partido. Ulysses desembarcou ontem pela manhã na ala oficial do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e foi direto para sua casa, onde permaneceu o restante do dia, em companhia de sua mulher, Mora, que se recupera de uma fratura na perna.

Arraes - O governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PMDB), enviará na próxima terça-feira, à Assembleia Legislativa do Estado, projeto propondo uma reforma administrativa em Pernambuco. A principal alteração será a criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que será oferecida à deputada Cristina Tavares (recém-saída do PMDB) e a efetivação da Secretaria das Minas e Energia, que vem funcionando em caráter extraordinário.

O local não poderia ter sido mais adequado para homenagear um presidente. A casa de Ezio, no Lago Sul, área nobre de Brasília, foi preparada para dar a impressão de que os convidados estavam numa festa das "Mil e Uma Noites". Dezenas de mesinhas brancas espalhadas sob um enorme toldo, nas cores azul e rosa muito suave, acolheram pelo menos nove ministros de Estado.

Circularam pela ampla varanda, ao redor da piscina e das quadras de tênis e basquete, os ministros Antônio Carlos Magalhães (Comunicações), Aureliano Chaves (Minas e Energia), João Alves (Interior), Ronaldo Costa Couto (Gabinete Civil), Hugo Napolão (Educação), José Reinaldo (Transportes), Paulo Brossard (Justiça) e Luiz Henrique (Ciência e Tecnologia).

Beberam uísque escocês e vinho, na área parlamentar, o líder do governo no Senado, Saldanha Derzi (PMDB-MS), o líder na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), os deputados Expedito Machado (PMDB-CE), Luis Eduardo (PFL-BA), filho de Antônio Carlos Magalhães, e o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), entre outros.

O cálculo de 140 constituintes presentes foi feito pelo deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), cuja

função principal no comando do Centrão é justamente controlar presenças e ausências de parlamentares no plenário, através dos computadores de seu gabinete.

O sentido político da festa era evidente. "Foi um desagravo, enquanto todo o mundo dá pau nele (em Sarney), quis homenageá-lo com apoio político desinteressado. Só assim o presidente poderá consolidar a transição", disse Ezio.

Sua idéia era reunir "300 a 400 parlamentares, num evento de caráter suprapartidário". O resultado foi o contrário. "Foi uma festa cincoanista", disse a deputada Beth Azize (PSB-AM). "Quatroanista", Beth foi sondada por Ezio para também comparecer, mas recusou a sugestão.

Sarney

O presidente comemorará seus 58 anos, hoje, com sua família, no Palácio da Alvorada, e só à noite, a partir de 19h, receberá amigos para um coquetel. O presidente foi ontem rapidamente de helicóptero para seu sítio particular, em São José do Pericumã, a 40 km de Brasília, e voltou em seguida para o Alvorada. Kiola, mãe de Sarney, e todos os quatro filhos do presidente — Fernando, Sarney Filho, Evandro e Roseana — estão em Brasília.

Tartaruga é um prato típico no Maranhão

A celeuma provocada pela divulgação de que seria servida carne de tartaruga no jantar oferecido ao presidente José Sarney na sexta-feira, provavelmente não aconteceria se a festa acontecesse em São Luís, capital do Maranhão. O consumo de carne de caça proibida pelo IBDF não é novidade no Estado natal de Sarney. Nas ruas de São Luís é comum garotos venderem jurarás (pequenos jabutis). Os meninos carregando dúzias de jurarás ainda vivos, amarrados em cordas, fazem parte da paisagem urbana da capital.

Apesar da proibição, alguns restaurantes preparam o animal e servem o prato no próprio casco, coberto de uma fina farofa.

Durante o descanso do presidente na ilha do Curupu, no final de 87, o deputado Sarney Filho (PFL-MA) guiou os jornalistas a um desses recantos que servem, entre outros quitutes da culinária maranhense, também o jurará. A maioria dos restaurantes não oferece o prato, e quem o faz, por motivos óbvios, não o inclui no cardápio.

"Históricos" não apóiam projeto de pacto de Santillo

Do correspondente em Goiânia

O governador de Goiás, Henrique Santillo (PMDB), 49, fracassou mais uma vez na tentativa de obter o apoio dos "históricos" do partido para o seu programa econômico emergencial, encampado pelo presidente José Sarney. Ele conversou ontem em Goiânia (GO) com os senadores José Richa (PR) e José Bisol (RS) e o deputado Euclides Scalco (PR), mas não os convenceu da viabilidade de um pacto que não passe pelas eleições-88.

Richa disse que "sem uma administração competente o projeto não tem saída". Para Scalco, a condição para o sucesso da proposta "é a credibilidade dos governantes". Bisol acha que a eleição é "condição indispensável".